

A loucura e o escândalo da cruz de Cristo na religião atual

Algumas considerações teológicas e psicanalíticas sobre 1 Cor 1,18-2,9

Pe. Konrad Körner

RESUMO

Na religião moderna e pós-moderna predomina a busca de saberes e milagres. Segundo 1Cor 1,18-2,9 trata-se da negação da cruz. O presente artigo tenta mostrar, com a ajuda da psicanálise, que na religião atual emerge a estrutura narcisista da religião, isto é, a mesma estrutura que transforma a cruz de Cristo em loucura e escândalo, segundo 1 Cor 1,18 -2,5

ABSTRACT

Modern and postmodern religion predominates the search for knowledge and miracles. 1 Cor 1,18-2,9 speaks about the denial of the cross. This article attempts to show, with the help of psychoanalysis, that in the current religion emerges the narcissistic structure of the religion, this is, the same unconscious structure that transforms the cross of Christ in madness and scandle, according to 1 Cor 1,18 -2,9

1) A COMUNIDADE DE CORINTO E O TEXTO DE 1 COR 1,18 – 2,9

A) A regressão da comunidade

As duas cartas de São Paulo aos Coríntios, da forma como hoje nos são disponíveis¹, tratam de uma comunidade não só muito animada e dinâmica, mas também muito difícil e cheia de problemas. Paulo fundou essa comunidade em torno de 50/51 d.C., permanecendo nela durante dois anos. Ele acabou de sofrer uma enorme decepção por parte dos atenienses (At 17,16-34), que tinham ridicularizado a sua pregação sobre a ressurreição. No seu discurso no Areópago, Paulo se utilizou dos seus conhecimentos sobre os primeiros filósofos gregos para falar do Deus criador. Este mesmo Deus está agindo em toda a vida (At 17,28), motivo pelo qual também consegue ressuscitar os mortos. Para os atenienses, porém, essa crença é loucura (At 17,32). Enquanto Paulo fala diante dos sábios no Areópago sobre a ressurreição, entre os pobres de Corinto ele fala do Cristo crucificado. Com certa mágoa e decepção, ele tenta evitar nova rejeição.

É de se considerar que estamos numa cidade grega que, de alguma forma, enaltece o saber filosófico, esperando deste a solução dos problemas humanos. Ao mesmo tempo, porém, Corinto, é uma cidade multirracial. O porto e seu comércio atraíram as pessoas dos mais diversos países, criando assim uma sociedade de muitas raças e culturas. Havia aí também uma comunidade de judeus que se reuniu na sua sinagoga. Todavia, diante da incredulidade dos judeus, Paulo se dedicou aos pagãos. Os judeus até quiseram que Paulo fosse condenado pelo procônsul romano, só pelo fato de ele ser cristão. Não conseguindo nada neste sentido, os judeus espancaram Sóstenes, o chefe da sinagoga (At 18). Pode ser que o Sóstenes, mencionado em 1 Cor 1,1, seja este irmão convertido do judaísmo e que agora seja companheiro de Paulo em Éfeso.

A Primeira Carta aos Coríntios foi escrita, em Éfeso, entre 54 e 56², portanto poucos anos após a fundação da comunidade. De acordo

¹ Ver a respeito das diversas cartas de Paulo: Rudolf Pesch, *Paulus ringt um die Lebensform der Kirche. Vier Briefe an die Gemeinde Gottes in Korinth, Paulus – neu gesehen* (Paulo luta pela forma vital da Igreja. Quatro cartas à comunidade de Deus em Corinto. Paulo – sob novo enfoque), Herderbücherei Band 1291, Freiburg i.B., 1986

² A respeito das duas Cartas aos Coríntios ver: Josef Blank, *Paulus. Von Jesus zum Christentum* (De Jesus até o cristianismo), Kösel Verlag München, 1982; Paulo K.Jung, *Vida e*

com os problemas tocados nas duas Cartas aos Coríntios, a comunidade tinha acolhido a novidade da fé cristã, mas sem se libertar plenamente da sua dependência tanto do saber idealizado da sociedade grega quanto da expectativa de milagres dos judeus. Ao mesmo tempo, as influências de uma cidade portuária com a presença de pessoas de muitas raças e culturas também atingiram a comunidade. Paulo teve que tomar posição tanto diante de problemas morais quanto de questões de fé. O maior problema, porém, foi a desunião da comunidade. Isto se deve deduzir do fato que logo no início da Primeira Carta, Paulo se refere aos quatro partidos que se confrontam na comunidade.

Na introdução, Paulo se apresenta como apóstolo legitimado “por vontade de Deus”. Ele se dirige à “igreja de Deus que está em Corinto”, composta de pessoas chamadas pelo próprio Jesus Cristo e cuja fé é a mesma como a de “todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso” (1,2). A vocação para a fé cristã é “graça” que merece uma gratidão constante. Em 1,5-6, Paulo destaca que “todo o conhecimento” vem de Jesus Cristo e que a revelação da verdade vem do mesmo Jesus Cristo (1,7). Logo a seguir, Paulo entra no assunto principal da sua carta, ou seja, na divisão que há na comunidade. Ele fala de quatro grupos que se referem a Cristo, Paulo, Céfás e Apolo e em que cada um destes quatro grupos afirma a verdade absoluta do seu respectivo saber (1,10-16). De acordo com 1,17, esta desunião enaltece uma “sabedoria de palavras” e, conseqüentemente, “esvazia a força da cruz de Cristo”. Em seguida, em 1,18- 2,9, Paulo coloca com toda a clareza possível o que, para ele, é a verdadeira sabedoria.

B) O texto de 1 Cor 1, 18 - 2,9

1,18: “A pregação da cruz é loucura para os que se perdem, mas para os que são salvos, para nós, ela é força de Deus.

ensino de Paulo, Concórdia Ed.Pôrto Alegre, 1989; José Comblin, Paulo. Trabalho e Missão, FTD São Paulo, 1991; José, Bortolini, Como ler a Primeira Carta aos Coríntios? Segurar os conflitos em comunidade, Ed.Paulinas São Paulo, 1992; Jerome Murphy-O'Connor, OP, Paulo. Biografia crítica, Ed.Loyola São Paulo, 2000; Michel Quesnel, Paulo e as origens do cristianismo, Paulinas São Paulo, 2004;

- 1,19: Pois está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios e confundirei a inteligência dos inteligentes”.
- 1,20: Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde o disputador desta era? Aliás, Deus não reduziu a loucura a sabedoria deste mundo?
- 1,21: De fato, pela sabedoria de Deus, o mundo não foi capaz de reconhecer a Deus através da sabedoria, mas, pela loucura da pregação, Deus quis salvar os que crêem.
- 1,22: Pois tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria.
- 1,23: Nós, porém, proclamamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos.
- 1,24: Mas para os que são chamados, tanto judeus quanto gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus.
- 1,25: Pois o que é loucura de Deus é mais sábio que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte que os homens.
- 1,26: De fato, irmãos, reparai em vós mesmos, os chamados: não há entre vós muitos sábios de sabedoria humana, nem muitos poderosos, nem muitos de família nobre.
- 1,27: Mas o que para o mundo é loucura, Deus o escolheu para envergonhar os sábios, e o que para o mundo é fraqueza, Deus o escolheu para envergonhar o que é forte.
- 1,28: Deus escolheu o que no mundo não tem nome nem prestígio, aquilo que é nada para assim mostrar a nulidade dos que são alguma coisa.
- 1,29: Assim, ninguém poderá gloriar-se diante de Deus.
- 1,30: É graças a ele que vós estais em Cristo Jesus, o qual se tornou para nós, da parte de Deus, sabedoria, justiça, santificação e libertação,
- 1,31: para que, como está escrito, “quem se gloria, glorie-se no Senhor”.

- 2,1 : Irmãos, quando fui até vós anunciar-vos o mistério de Deus, não recorri à oratória ou ao prestígio da sabedoria.
- 2,2 : Pois, entre vós, não julguei saber coisa alguma, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado.
- 2,3 : Aliás, estive junto de vós com fraqueza e receio, e com muito tremor.
- 2,4 : Também a minha palavra e a minha pregação não se apoiavam na persuasão da sabedoria, mas eram uma demonstração do poder do Espírito,
- 2,5 : para que a vossa fé se baseasse no poder de Deus e não na sabedoria humana.
- 2,6: Entre os fiéis plenamente instruídos, de certo, falamos de sabedoria, não porém a sabedoria deste mundo, nem a sabedoria dos poderosos deste mundo, fadados a desaparecerem
- 2,7: Falamos da misteriosa sabedoria de Deus, a sabedoria escondida que, desde a eternidade, Deus destinou para nossa glória.
- 2,8: Nenhum dos poderosos deste mundo a conheceu. Pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória.
- 2,9: Mas, como está escrito, “o que Deus preparou para os que o amam é algo que os olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais presentiu.

Segundo 1 Cor 1,18-2,9, a desunião da comunidade tem a sua causa, de um lado, no endeusamento do saber humano e, do outro lado, na busca obsessiva de milagres. Sendo assim, os membros da comunidade de Corinto não se libertaram da dependência das suas culturas e sociedades originais. Os de origem grega permanecem determinados pela sabedoria grega, ao passo que os judeus continuam exigindo interferências milagrosas de Deus. Contra o saber endeusado e a exigência de milagres, Paulo coloca a pregação da cruz de Cristo.

A modernidade endeusa o saber humano, esperando que as ciências dessem respostas definitivas a todas as perguntas da humanidade. Basta aqui lembrar que Sigmund Freud esperava da “ditadura da razão” a substituição

definitiva da religião³. Tudo o que a ciência não tivesse condições de provar, não poderia ser reconhecido como real. Por esta razão, as verdades das religiões não podem ser verdadeiras. Entretanto não só as ciências podem chegar a endeusar o saber, mas em todos os seres humanos consegue-se observar a tendência de pôr em absoluto o saber. Todos, pois, não só buscam o alívio de sofrimento e angústias no saber da causa, mas também atribuem ao saber a garantia de prestígio e poder.

A pós-modernidade, por sua vez, redescobriu a religião, ou o sagrado, entretanto dentro de uma realidade altamente subjetivista e individualista. O acesso a Deus, ou à divindade, não mais se dá por mediação de alguma instituição religiosa, mas é possível de forma imediata e direta a cada um individualmente. Uma das características mais destacadas da religião pós-moderna é a exigência do milagre. A verdade de uma fé, de acordo com essa prática religiosa, comprova-se pelo milagre. Enquanto a modernidade atribui ao saber humano uma faculdade absoluta e última, a religiosidade pós-moderna projeta em Deus a solução de todos os problemas humanos. Sendo assim, 1 Cor 1,18- 2,9 tem uma importância altamente atual. Ainda mais quando se considera que, segundo Paulo, a atual desunião nas comunidades, e em todos os níveis da convivência humana, tem a sua causa tanto no saber endeusado quanto na exigência de milagre.

2) A CRUZ DE CRISTO COMO MANIFESTAÇÃO DO NARCISISMO HUMANO

A) O endeusamento do saber

Na argumentação de Paulo, a cruz de Cristo é loucura para os sábios gregos e para os escribas; para os pregadores populares da religião da Lei dos judeus, ela é um escândalo. Ambos, gregos e judeus, afirmam que um Deus não pode ser crucificado. A compulsão humana de saber as últimas causas de tudo bem como a idealização infinita do saber, são projetadas em Deus, fazendo dele a onisciência total e absoluta. Segundo essa idealização do saber é impossível que Deus possa ser crucificado.

³ Sigmund Freud, O futuro de uma ilusão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora Rio de Janeiro (será citado como Ed.St.bras.) Vol. XXI, pág.62

Muito pelo contrário, o saber absoluto é visto como garantia segura contra qualquer sofrimento e desprezo. O deus do saber é um deus que recebe uma admiração incondicional. Esse deus da onisciência pode ser confundido com a idealização narcisista do saber.

Segundo S.Freud, o narcisismo é o estágio mais primitivo do desenvolvimento psíquico. O narcisismo primário corresponde à situação uterina, onde o “objeto”, ou a mãe, está ao serviço da criança de uma forma total⁴. Para H.Kohut, do contrário, o narcisismo é uma estrutura do psiquismo humano que “segue uma linha independente do desenvolvimento”⁵. No narcisismo há tanto a idealização do “objeto” quanto a do “Self”. Isto quer dizer em termos simples que uma pessoa se idealiza a si mesma como maravilhosa e perfeita, exibindo-se diante de outros igualmente idealizados como maravilhosos e perfeitos. Os outros, ou/e o mundo, funcionam como espelhos que refletem a própria imagem idealizada e grandiosa. Juntando as respectivas teorias de S.Freud e H.Kohut, pode-se dizer que o narcisismo é a revivência da vida uterina. Sob este aspecto torna-se compreensível porque o saber adquire uma qualidade absoluta. A sua função é a de afastar e impedir a angústia do abandono e da perda. As imagens mentais, substituindo a mãe uterina, funcionam como fontes últimas de segurança e satisfação.

É possível que se descreva a origem da mente humana por meio do processo da inveja. A palavra “invidere”, que vem do latim, diz que as imagens internas das coisas e das pessoas vistas são tratadas como se fossem as próprias coisas e pessoas. No estágio mais primitivo da evolução da mente, as imagens mentais são tratadas como se fossem as coisas, as pessoas e o mundo em si. As imagens mentais conservam essa qualidade na vida posterior na medida em que influências traumáticas têm impedido o desenvolvimento da capacidade de aceitar a realidade objetiva de coisas, pessoas e do mundo. Gn 2,4 a - 3,24 ilustra muito bem o processo da inveja. Ao meu ver, Gn 2,4 a – 3,24 ilustra o processo primitivo da formação mental e psíquica. O fruto visto é tratado como objeto já incorporado, ou seja, a imagem interna do fruto visto é tratada como se fosse o próprio fruto que, como tal, garante um saber divino. O ato da incorporação real do fruto é inevitável, já que antes foi realizado pela imaginação.

⁴ S.Freud, Sobre o narcisismo: uma introdução, Ed.St.bras., Vol.XIV, 83-119;

⁵ Heinz Kohut, Análise do Self, Imago Ed.Rio de Janeiro, 1988, pág.21; ver também: H.Kohut, A restauração do Self, Imago Ed.Rio de Janeiro, 1988

Vendo a sabedoria dos gregos na sua ligação com a inveja e o narcisismo, entende-se porque ela não consegue levar ao conhecimento de Deus. O saber se admira a si mesmo, ele é exibido para ser admirado. Não se trata, portanto, de uma busca da verdade, mas da prática narcisista de ver a si mesmo nos outros e no mundo como imagem magnífica que deve ser admirada por todos. Paulo fala da sabedoria dos gregos como fenômeno do narcisismo. Trata-se da mesma loucura que Gn 2,4 a – 3,24 descreve. Somente uma mente muito infantil é capaz de acreditar que a incorporação de um fruto possa ser a aquisição de um saber divino.

B) A fé da exigência de milagres

Segundo 1 Cor 1,18-2,9, o poder divino se comprova para os judeus em milagres. Os receptores de milagres se vêem confirmados como superiores a todos os demais, como os filhos mais queridos e as filhas mais queridas de Deus. Os judeus da época de Paulo se referem aos milagres extraordinários da tradição do Êxodo para fundamentar a sua fé de eles serem o único povo eleito e escolhido para dominar todas as nações da terra. O relato dos sinais do Êxodo seduz à crença que Deus possa suspender ou modificar as leis naturais, que ele mesmo tem estabelecido, quando se trata de socorrer ao povo, de satisfazer os seus desejos e de superar as suas necessidades. O escândalo dessa fé milagreira consiste na perversão total da tradição do Êxodo. Esta mostra a interferência de Deus para libertar o povo da escravidão. Os milagres tinham aí o sentido de garantir a continuação do processo libertador e de unir o povo. A fé milagreira, ao contrário, está a serviço da superioridade narcisista de cada um. O que se tem como povo, na verdade é uma aglomeração de indivíduos altamente fechados em si mesmos que são unidos pelo narcisismo de cada um.

Tanto o deus do saber absoluto quanto o deus milagreiro são construções humanas. O homem projeta em Deus o seu próprio saber e a negação do seu próprio limite. O deus dos milagres é o produto da intolerância em relação à frustração dos desejos, ao passo que o deus do saber é o produto da negação da angústia do abandono e da perda. Tanto a imagem de um deus do saber quanto a de um deus milagreiro tem a sua origem no narcisismo humano. Mesmo a imagem do Messias esperado pelos judeus da época de Jesus, tem características nitidamente narcisistas. A sua função, pois, é a de transformar esse pequeno povo no maior e mais poderoso de

todos. A exigência constante de milagres está de acordo com essa imagem do Messias. Um povo politicamente sem qualquer importância, derrotado pelos romanos e espalhado por todos os países, exige que Deus, milagrosamente, o transforme no maior de todos.

Na fé milagreira, o sujeito determina o que Deus tem de fazer. Este não só tem que provar que esse sujeito é o maior de todos, mas também tem que interferir para resolver qualquer dificuldade e problema. O crente, na verdade, torna-se o dono de Deus. Este depende dos desejos, das necessidades e dos critérios subjetivos de cada um dos seus crentes. Sendo assim, as imagens de um deus do saber absoluto e de um deus milagreiro negam a realidade de Deus. Elas não só negam a realidade de Deus, mas também a realidade de si próprios, dos outros e do mundo. Deste modo, a religião do saber absoluto e de milagres, necessariamente gera violência. Esta violência é negada, de um lado, pela idealização sempre mais intensa do saber e, do outro lado, por uma prática sempre mais compulsiva da busca de milagres.

Tendo em vista as realidades narcisistas e compulsivas, atuantes no saber absoluto e na exigência de milagres, a cruz de Cristo representa a violência humana generalizada. O homem mata a si mesmo e a Deus para defender-se como imagem divina idealizada. O homem mata Deus em nome de Deus, pois ele próprio se tem como imagem divina absoluta. Quem mata Deus e o homem não são pessoas atéias, mas homens muito religiosos. A cruz de Cristo revela, portanto, uma religião estruturada pelo narcisismo e que gera, automática e necessariamente, violência destrutiva. Segundo 1 Cor 1,18 – 2,9, a cruz de Cristo revela a loucura subjacente à sabedoria dos gregos e o escândalo da religião da Lei que mata Deus em nome da Lei e de Deus. A cruz de Cristo revela a loucura humana de criar um deus segundo a própria imagem, bem como o escândalo de falar de um deus onipotente que, na verdade, é instrumento da onipotência humana.

3) A CRUZ DE JESUS CRISTO COMO DINAMISMO CONSCIENTIZADOR

A) No sentido teológico, a cruz manifesta o amor incondicional de Deus

Segundo 1 Cor 1,18 – 2,9, a desunião na comunidade e, assim pode-se afirmar, em todas as formas de convivência humana, vem da negação da cruz. Esta é a verdadeira sabedoria de Deus que é negada tanto no

endeusamento do saber quanto na religião milagreira. Por parte de Deus, a cruz é a manifestação máxima do seu amor em relação aos homens. Jesus Cristo, o filho de Deus se tornou homem para salvar a humanidade dos seus pecados. Paulo destaca em todas as suas cartas que se trata de um ato gratuito por parte de Deus. Isto quer dizer que Deus não era obrigado a salvar a humanidade e, muito menos, a salvá-la pela morte de Cristo na cruz. Na história da teologia cristã há duas tendências de entender a encarnação de Jesus Cristo. Uma diz que Jesus Cristo se tornou homem em virtude do pecado humano. Pela impossibilidade de o homem se salvar a si mesmo, somente Deus poderia realizar a obra da salvação. Outra tendência teológica diz que Deus é maior do que o pecado humano, não dependendo deste na motivação da sua ação. Mesmo que o homem não tivesse pecado, Jesus Cristo teria se tornado homem. Isto está de acordo com a imensa valorização da criação por parte de Deus.

1 Cor 1,18-2,9 parece estar inserido mais na tendência de entender a encarnação de Jesus Cristo como exclusiva iniciativa de Deus. Sendo a cruz de Cristo a sabedoria de Deus (1,24-25), esta “sabedoria misteriosa” está “escondida desde a eternidade” e tem como destino a “nossa glória”, ou seja, a glória dos homens (2,7). Não somente a encarnação, mas também a cruz de Cristo aqui parece ter a sua motivação, exclusivamente, na sabedoria de Deus. 2,9 volta a dizer que a cruz de Cristo quer levar os homens à felicidade inimaginável “que Deus preparou para os que o amam”. Deve-se concluir disso que os que não amam a Deus têm crucificado Jesus Cristo. De acordo com 2,8, a causa da crucificação de Jesus Cristo é o desconhecimento da sabedoria de Deus. Jesus Cristo foi crucificado por aqueles que não acreditam no amor incondicional de Deus em relação aos homens. Em virtude da importância universal da cruz de Cristo, todos os seres humanos, a princípio, não acreditam no Deus do amor. Todos ficam presos na culpa, fazendo de Deus o juiz implacável e temido. A cruz supera toda a culpa humana para testemunhar o Deus do amor e da vida.

Paulo enfatiza nas suas cartas, de um lado, a impossibilidade que o homem possa salvar-se a si mesmo. As obras humanas não têm nenhuma condição de garantir a salvação. Essa incapacidade não vem, em primeiro lugar, do pecado, mas da condição de o homem ser um ente criado. Do outro lado, Paulo enfatiza a obra da salvação como dom gratuito de Deus, como graça de um Deus que se caracteriza por misericórdia e amor. A iniciativa da salvação vem exclusivamente de Deus. Não é o pecado humano

que determina a ação divina, mas o amor de Deus em relação ao homem e a toda a sua criatura. Neste sentido, a cruz é a manifestação do amor incondicional de Deus. Para o homem, a graça da salvação por parte de Deus é o reconhecimento do seu limite como ser criado e limitado.

B) A pregação da cruz como conscientização da fraqueza humana

A desunião da comunidade, segundo 1 Cor 1,18-2,9, é causada pela superioridade narcisista do saber tanto de gregos quanto de judeus. Cada um dos grupos citados se utiliza de certa autoridade para exibir a sua superioridade. Um grupo se refere a Paulo, outro a Apolo, outro a Céfas-Pedro e outro a Cristo. A divisão existe não porque Paulo, Apolo, Pedro e Cristo tenham apresentado ensinamentos conflitantes entre si, mas porque os ensinamentos de cada um destes quatro são usados para a exibição da superioridade do próprio grupo. Nesse uso narcisista do saber não importa o seu conteúdo, mas o prestígio do seu defensor. Essa desunião da comunidade em virtude da defesa narcisista de saberes é a imitação da sociedade grega em que ela se encontra. Os gregos, como Paulo o diz, defendem a superioridade da sua sabedoria. Contra esta, os comunitários tentam colocar a superioridade do seu saber cristão.

Em 2,1-5, Paulo se refere à sua fraqueza pessoal, ao seu medo de expor o anúncio do crucificado. Ele faz questão de frisar, segundo 2,4-5, que na comunidade de Corinto “não se apoiava na persuasão da sabedoria”, mas se tratava de “uma demonstração do poder do Espírito para que a fé se baseasse no poder de Deus e não na sabedoria humana”. Automaticamente vem aqui a lembrança do fracasso de Paulo em Atenas(At 17,10-34). Nesta oportunidade, Paulo tentou convencer os gregos com o recurso à sabedoria deles mesmos. Entretanto, ele não tinha condições de convencer os sábios gregos sobre a ressurreição por meio de uma argumentação racionalista. Em Atenas, ele exibiu o seu saber tentando captar assim a admiração dos sábios do Areópago. Em Corinto, ao contrário, ele tem se mostrado fraco e cheio de medo. Ele temia outra rejeição. Paulo aprendeu do seu fracasso em Atenas, analisou as suas causas e conseguiu mudar o seu procedimento. Por isso, em Corinto ele começa a falar do Cristo crucificado. Pode-se dizer que Paulo tornou consciente o que, antes, era inconsciente⁶.

⁶ ver Gerd Theissen, *Psychologische Aspekte paulinischer Theologie (Aspectos psicológicos da teologia de Paulo)*, Vandenhoeck&Ruprecht Göttingen, 1983, pág.342

No Areópago, Paulo experimentou o processo da divisão. Tentando exibir o seu saber, ele foi rejeitado pelos demais grupos. A exibição do saber, portanto, é sintoma da fraqueza, fazendo parte da fraqueza que a cruz de Cristo revela. Ele tenta usar agora em relação à comunidade de Corinto essa sua experiência pessoal para superar as divisões surgidas. Em 1,26, ele lembra os Coríntios que entre eles não há “muitos sábios de sabedoria humana, nem muitos poderosos, nem muitos de família nobre”. A maioria das pessoas da comunidade, segundo 1,27-28, é ignorante, sem qualquer poder nem prestígio. Como ignorantes, fracos e desprezados, os Coríntios conseguiram aceitar a pregação da cruz. Todavia, na medida em que se envergonham da sua fraqueza, ignorância e insignificância, eles se esqueceram da cruz de Cristo entregando-se a uma glória imaginária. O resultado mais imediato é a divisão da comunidade. P.Richard acha que “todos os problemas internos da comunidade de Corinto são devidos à conduta” de uma minoria rica⁷. Todavia, de uma forma geral, Paulo insiste no apontamento da glória narcisista como causa da divisão. Contra isso, em 1,29-31, ele diz que a verdadeira glória é a de estar em Deus. O reconhecimento da fraqueza leva à “sabedoria, justiça, santificação e libertação”.

C) A cruz de Cristo como conscientização da “loucura” do saber e da violência que esta causa

A princípio, Paulo apela para a realidade social e cultural da comunidade para conscientizá-la da sua situação. Ele lembra que há apenas algumas poucas pessoas instruídas, ricas e famosas na comunidade, mas que a grande maioria é sem instrução, pobre e sem qualquer prestígio. A comunidade precisa abandonar a sua “cabeça de rico” para poder enfrentar a sua real pobreza e insignificância na sociedade. Alguém disse certa vez: “O pior rico não é aquele que tem muito dinheiro, mas o pobre com cabeça de rico”. A “cabeça de rico” da comunidade de Corinto é a ilusão que o “saber cristão” torne a todos imensamente superiores a gregos e judeus. Isto, segundo Paulo, significa negar a cruz. Em Atenas, Paulo foi obrigado a perceber que, fazendo da ressurreição um saber, a violência se impõe. Sendo ele próprio desprezado e ridicularizado, Paulo é obrigado a se ver diante do crucificado.

⁷ Pablo Richard, A prática de Paulo: suas opções fundamentais, RIBLA 20, 1995, pág.95

O que crucifica Cristo, e outros, é o saber endeusado, ou segundo Paulo, a sabedoria humana. Esta “sabedoria” pode ser a filosofia dos gregos e também a religião dos escribas judeus. A violência gerada pela sabedoria da filosofia e da Lei a princípio é negada e projetada. Sendo assim, de um lado, o saber adquire uma qualidade sempre mais absoluta e radical e, do outro lado, os que não se sujeitam a esse saber tornam-se alvos de uma violência sempre mais feroz. Os Evangelhos enfatizam que Jesus Cristo foi condenado em nome da Lei e de Deus. A Lei e a fé em Javé funcionam aqui como saberes absolutos que transferem aos seus intérpretes um poder igualmente absoluto. Em virtude deste poder, e em nome de Deus, matou-se Deus e os homens. Para Paulo a sabedoria dos escribas da mesma forma como a dos gregos é loucura humana. A cruz de Cristo representa tanto essa loucura quanto a violência assassina gerada por ela. Segundo Paulo, Cristo morreu para salvar a todos. Isto significa que todos os seres humanos têm em si a tendência de endeusarem o saber e atuarem de acordo com o seu saber a violência contra outros. A cruz representa a loucura e a violência de todos os seres humanos. A fé no crucificado só pode ser autêntica na medida em que conscientiza a todos dessa loucura e dessa violência.

Na medida em que a cruz consegue essa conscientização necessariamente acaba a diferença entre ricos e pobres, entre sábios e ignorantes, entre famosos e insignificantes. Na violência e no endeusamento do saber todos são iguais. É isto que Paulo quer mostrar afirmando que as divisões na comunidade, e na sociedade, acabam com a fé no crucificado. Do contrário, as divisões de todos os tipos aumentam na medida em que a cruz é negada e conseqüentemente impõem-se a loucura do auto-endeusamento e a violência. Quando loucura e violência são negadas e projetadas, as divisões na comunidade e na sociedade crescem sempre mais.

A oportunidade adequada para a conscientização da cruz é a Eucaristia. Entretanto, de acordo com 1 Cor 11, a reunião eucarística, em vez de lembrar a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, é marcada pela desunião, pela separação da comunidade entre ricos e pobres, pela exibição de cada um (1 Cor 12.14). 1 Cor 13 descreve o amor fraterno que deve reger a convivência na comunidade. É mais importante procurar a vivência desse amor fraterno na comunidade do que preocupar-se com a vida após a morte. Somente em 1 Cor 15, Paulo fala da ressurreição como vitória definitiva da vida. Participa da vida somente quem vê na cruz de Cristo a loucura do

seu próprio saber e as mais diversas formas em que atua a sua própria violência. O grande exemplo do amor fraterno é o crucificado.

4) A PREGAÇÃO DA CRUZ NOS TEMPOS ATUAIS

A) A cruz e a religião de milagres e do saber idealizado

A religião de milagres, que hoje está em grande expansão, organiza-se como o mercado neoliberal, oferecendo curas, expulsões e milagres como mercadorias a serem pagas com dízimos e outras contribuições. Há uma intensa competição entre as diversas “firmas” religiosas cujas técnicas de marketing estão sempre mais aperfeiçoadas. A propaganda e a publicidade adquirem aqui um papel fundamental. Embora as Igrejas neo-pentecostais sejam as representantes mais destacadas desta religião de milagres, esta é praticada, também, pelas Igrejas evangélicas mais tradicionais e na Igreja Católica. Os movimentos pentecostais e carismáticos podem enaltecer de tal maneira o milagre que a pregação da cruz e da ressurreição parece não ter mais nenhuma importância. Segundo 1 Cor 1,17-2,9, a religião de milagres nega a cruz, tratando-a como escândalo.

Enquanto as práticas milagreiras parecem tomar conta da religião cristã, especialmente daquela do cunho pentecostal e carismático, a Igreja Católica dedica um esforço sempre maior à defesa das suas verdades. Sendo o magistério da Igreja a instância responsável pela definição dessas verdades, a instituição da hierarquia, necessariamente, ganha um poder sempre maior. As verdades da fé, também, são saberes racionais. Como tais, elas têm em si a tendência inconsciente de se transformarem em idéias narcisistas. Neste caso, não mais importa o conteúdo da verdade, mas a autoridade e o prestígio de quem a profere. S.Freud nos mostrou que as verdades religiosas, na sua função narcisista, garantem, em primeiro lugar, segurança e proteção⁸. De acordo com a qualidade narcisista das verdades da fé, a sua aceitação por parte dos fiéis católicos a princípio leva à identificação com os seus líderes hierárquicos. Estes, como substitutos paternos e maternos, colaboram com a formação de uma dependência infantil na medida em que favorecem o processo inconsciente da identificação. Do contrário, uma fé é

⁸ S.Freud, O futuro de uma ilusão, op.cit.

madura e livre quando as verdades são aceitas não em virtude do prestígio pessoal de algum líder eclesial, mas por causa da fé na Revelação.

Podemos pensar aqui nas grandes Missas que os Papas celebram com milhões de fiéis. Se estes fossem perguntados sobre o conteúdo do sermão do Papa provavelmente a grande maioria não saberia responder. Trata-se das mesmas pessoas que têm aplaudido tanto durante o sermão o Papa pregador! Isto indica que não importa “o que” o Papa fala que não é importante “ouvir” o Papa, mas que ele fala e é “visto”. O que motiva a participação nas Missas papais é o desejo de “ver” o Papa, de fazer parte de uma multidão que o aplaude.

Nos cultos de massa das Igrejas neo-pentecostais não é a “fé” dos fiéis que leva à participação, mas a fama do líder como fazedor de milagres. A grande maioria de católicos que migram para Igrejas pentecostais e neo-pentecostais não têm dúvidas em relação às verdades da fé da Igreja Católica. Tais dúvidas e críticas vêm depois em virtude de uma doutrinação coletiva intensa nas respectivas Igrejas pentecostais. Cabe aqui observar que tais críticas e dúvidas são repetições monótonas, indicando, por isso, uma identificação já ocorrida com o líder da nova comunidade. O que desencadeia a procura de Igrejas pentecostais e neo-pentecostais é o exemplo de outros que, por meio de curas e milagres, conseguiram resolver problemas pessoais. Diante da necessidade subjetiva, e da expectativa intensa de sua solução, as verdades da fé se transformam em meras justificativas de questões pessoais.

Diante do crucificado, em Mt 27,39-43 e Mc 15,29-32, os “transeuntes injuriavam Jesus, meneando a cabeça e dizendo: “Tu que destróis o Templo e em três dias o edificas, salva-te ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz”. Os líderes religiosos exigem como prova da divindade e messianidade de Jesus, que ele “desça da cruz” e “salve a si mesmo”. Lc 23,35-38, primeiro, menciona um povo curioso que está diante da cruz para “olhar”. Depois se diz que os “chefes” exigiram que Jesus se “salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito”. Lc 23,36 ainda menciona os soldados clamando pela auto-salvação de Jesus para provar que é “o rei dos judeus”. Diante de todas essas exigências de milagres, Jesus não desceu da cruz. Ele enfrentou o seu sofrimento até o fim, de um lado, para salvar outros e, do outro lado, para atestar na sua morte e ressurreição que a vida não pode ser destruída.

A cruz de Cristo carece de qualquer característica narcísica. Jesus não se exhibe para ser admirado e aplaudido. Por esta razão, a cruz prova para os líderes religiosos e militares que Jesus Cristo não pode ser o Filho de Deus nem o Messias. Na concepção deles, Deus nunca permitiria o sofrimento do inocente e do justo, mas o livraria do vexame e da morte. Segundo 1 Cor 1,18-2,9, o Deus de Jesus Cristo não é o Deus dos sábios gregos nem dos escribas judeus. Os membros da comunidade de Corinto para poderem ser cristãos precisam corrigir a sua imagem herdada de Deus. O Deus de Jesus Cristo não é o saber absoluto nem a imagem exibida para ser admirada. Ele também não é a onipotência mágica vista como absoluta. O Deus de Jesus Cristo, ao contrário, se revela no sofrimento e na morte. Ele sofre com os fracos e marginalizados para mostrar-lhes a força invencível da vida que neles atua. Este Deus fraco é o Deus do amor. Deus é fraco porque ama. O acesso a este Deus se dá na fraqueza, no sofrimento, na humilhação, na marginalização, na pobreza e na condenação. O “Deus fraco” é o Deus que liberta os pobres.

B) A fé na cruz de Cristo e a opção pelos pobres

Segundo 1 Cor 1,18-2,9, a maioria da comunidade de Corinto é pobre, não tendo muita formação intelectual nem possuindo prestígio na sociedade. Ao que tudo indica, trata-se de uma comunidade de pobres. Entretanto, esses pobres de Corinto julgam-se donos de uma sabedoria superior mediante a qual se exibem como milagreiros. Negando a sua real pobreza e a sua insignificância na sociedade, eles pretendem fazer da fé cristã o meio de negar a pobreza. Como especialistas em milagres, eles se tornam poderosos e famosos. 1 Cor 1,18-2,9 deixa muito claro que uma religião caracterizada pela busca e exigência de milagres é radicalmente contrária à fé libertadora. Ela, pois, tem em si a tendência de negar a real situação de pobreza, criando a ilusão de superioridade, onisciência e poder. Da mesma forma, uma religião restrita à defesa das suas próprias verdades não tem condições de ser libertadora, pois tem em si a tendência de gerar dependência e submissão. A verdade é libertadora na medida em que se encarna na vida e no amor, ou seja, na defesa da dignidade da vida de todos e na comunidade verdadeira.

Em 2,6-9, Paulo lembra que a sabedoria dos poderosos não só é incapaz de reconhecer a Deus, mas provoca também a crucificação de Jesus

Cristo. A sabedoria dos poderosos crucifica Deus e os homens, ao passo que a sabedoria de Deus visa à glorificação dos fracos e crucificados. Os pobres que almejam a sabedoria dos poderosos participam da crucificação dos pobres, isto é, deles próprios e dos outros pobres. Do contrário, a sabedoria da cruz conduz à glória e à libertação dos pobres. Os pobres que superam a sua dependência de ricos, famosos e poderosos têm condições de amar a Deus.

A opção pelos pobres, de acordo com 1 Cor 1,18-2,9, dirige-se aos próprios pobres, insistindo que estes deixem de imitar os ricos, sábios e poderosos. Esta imitação e esta dependência não conseguem superar a pobreza e a fraqueza. Para Paulo, a superação da pobreza e fraqueza se dá por meio da fé na cruz de Cristo. A fé na cruz de Cristo tem aqui a função de uma conscientização social. Ela quer mostrar que o Jesus crucificado está no lugar dos pobres e fracos. No Jesus crucificado, pobres, ignorantes e fracos se enxergam a si mesmos como crucificados. Quem os crucifica, segundo 1 Cor 1,17-2,9, é a sua dependência de ricos, poderosos e famosos. Não são os ricos, poderosos e famosos como tais que crucificam, mas é a dependência destes, a identificação com estes, que crucifica os pobres, fracos e pouco instruídos. Estes últimos, pois, usam a sua religião para se julgarem superiores, sábios e poderosos. A cruz de Cristo é o fim desta religião, pois revela um Deus fraco e humilhado. Este Deus fraco e humilhado, porém, manifesta a força incompreensível do seu amor em relação a todos os homens, mas especialmente em relação a todos que a sociedade despreza e oprime. Neste sentido, a fé na cruz de Cristo transforma os pobres, fracos e desprezados, restaurando neles a confiança no seu valor e na sua dignidade pessoal. No lugar da dependência forma-se então a confiança pessoal de cada um e a valorização das forças de uma comunidade unida.

A dependência de ricos, poderosos e sábios da sociedade gera a desunião não só entre os membros da comunidade, mas em todo o povo. Um povo desunido destrói a si mesmo. Isto acontece em nome de um saber que se apresenta como ideologia e como religião. Um povo desunido necessariamente é dominado e oprimido por poderosos. Um povo que se destrói a si mesmo não tem condições de unir-se num esforço por maior justiça. O sofrimento não é causado somente por opressão e exploração por parte da classe dominante, mas também pela violência irracional em que os dominados se destroem mutuamente. A cruz de Jesus reflete também esta autodestruição do povo.

5) O CRISTO CRUCIFICADO COMO TERAPEUTA DA HUMANIDADE

Na cruz, Jesus atrai sobre si toda a violência humana presente em todas as religiões. Segundo os Evangelhos, e também Paulo, Jesus Cristo foi condenado à morte pela religião da Lei, em nome de Deus. A religião da Lei é representante de todas as religiões no sentido de todas elas em nome de um saber absoluto gerarem a violência contra Deus e os homens. Deste modo, a cruz de Cristo revela a loucura e o escândalo de todas as religiões. A cruz leva à superação da religião. Jesus diz em Mt 5,17 que ele não veio “para abolir a Lei e os Profetas”, mas para cumpri-los. Ele cumpriu a Lei em todas as “suas letras e vírgulas” (Mt 5,18), na cruz! A finalidade desse cumprimento radical da Lei é a de testemunhar na sua ressurreição que a vida de Deus não pode ser destruída. O fim da religião do Templo e da Lei, e de todas as religiões, veio com a morte de Jesus. Mt 27,51, Mc 15,38 e Lc 23,45 ilustram isso apontando que “o véu do Santuário se rasgou em duas partes”. Segundo Mt 27,52-53, a morte de Jesus Cristo traz, por si mesma, a ressurreição dos mortos.

A cruz de Cristo mostra que a religião fundamenta e defende o narcisismo coletivo dos povos. Por esta razão os povos se combatem em toda a história da humanidade, até a morte, em nome das suas respectivas religiões e dos seus deuses. Este narcisismo coletivo está presente em todos os seres humanos. Ele precisa ser conscientizado para poder ser superado. Da mesma forma como o narcisismo, também a religião não acaba por decreto. Ela precisa ser “cumprida” para ser superada. Isto quer dizer que cada um dos povos precisar-se-ia conscientizar da loucura do seu saber endeusado e da violência praticada em nome dele, para que pudesse alcançar a paz com outros povos. O mesmo processo de conscientização mostra a cada um dos seres humanos a loucura da sua imaginada superioridade e a prática da sua violência. Somente depois dessa conscientização seria possível que pudesse haver verdadeira comunidade e verdadeira paz entre os povos. Sem essa conscientização tanto a comunidade quanto a paz permanecem superficiais.

A religião representa uma tentativa de superar a violência por meio de sacrifícios. Tais sacrifícios, de uma forma geral, funcionam criando uma espécie de bodes expiatórios. Toda a violência é projetada em cima de animais ou objetos e, desta maneira, temporariamente acalmada. A fé em que tal sacrifício tenha agradado a Deus é importante para que os crentes

possam crer-se livres da culpa. Na sociedade podem funcionar como tais bodes expiatórios: os fracos, os pobres e quaisquer tipos de marginalizados⁹. Especialmente a Carta aos Hebreus argumenta que Jesus Cristo se fez sacrifício com a finalidade de acabar, definitivamente, com todos os sacrifícios. Ele é ao mesmo tempo o Sumo Sacerdote que oferece o sacrifício e o próprio sacrifício. Hb 9,26 b diz: “Mas foi agora, na plenitude dos tempos, que uma vez por todas, ele se manifestou para destruir o pecado pela imolação de si mesmo”. Este único sacrifício de Jesus Cristo, acabando definitivamente com o pecado, também acabou de forma definitiva com o sacrifício e a violência. O fim definitivo da violência se dá na ressurreição. O ressuscitado mostra nas suas aparições sempre os sinais da cruz, não só para convencer que é o crucificado que ressuscitou¹⁰, mas também para mostrar que a confiança na vida indestrutível acaba com a violência.

A Missa, segundo o seu sentido original, quer ser a grande terapia da humanidade. Ela é a lembrança da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, até o fim do mundo. Teologicamente trata-se da verdade central da fé cristã que, em cada Missa, pretende ser tornada presente nos seus efeitos de salvação. De acordo com o sentido da cruz de Cristo, a Missa quer conscientizar sobre a loucura de um saber divinizado que domina os homens e que, necessariamente, gera violência. Toda a Missa nos lembra a loucura dessa violência. A lembrança da cruz de Cristo pretende ser como um espelho, em que cada um vê refletida a violência usada contra outros e contra si próprio. Qualquer tentativa de se fazer da Missa uma ação mágica e milagreira transforma também a ela mesma em instrumento de violência. O mesmo acontece quando se impõe aos fiéis a Missa como saber, Lei e obrigação.

A comunhão do corpo e sangue de Cristo confirma e reforça a união criada pela fé no crucificado que ressuscitou. Todos se tornam corpo e sangue de Cristo e, como tais, eles formam uma união capaz de transformar o mundo. A comunhão é a mesma para todos. Todos, independentemente de raça, cor, situação social e econômica, cultura e instrução, todos recebem o

⁹ Ver a esse respeito René Girard, *A violência e o sagrado*, Ed.Paz e Terra/ Ed.Unesp São Paulo, 1990; Hugo Assmann (ed.), René Girard com teólogos da Libertação. Um diálogo sobre ídolos e sacrifícios, Ed.Vozes Petrópolis 1991

¹⁰ Ver Jon Sobrino, *A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas*. Coleção Teologia e libertação. Série II: O Deus que liberta seu povo, Ed.Vozes Petrópolis 2000

mesmo corpo e o mesmo sangue de Cristo. É essa radical igualdade entre todos que impõe o direito de todos a uma vida digna e justa. Toda a Missa termina assim com o apelo de se buscar a partilha justa de todos os bens materiais e de se superar todas as desigualdades no sentido de Gal 3,28: “Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”.

Hoje, após mais do que 2000 anos, nem a violência nem o sacrifício desapareceram da terra. Na América Latina, povos cristãos inteiros são sacrificados para que poucos possam viver em abundância. A fé libertadora no crucificado, que ressuscitou, foi substituída pelo saber cristão. Deste modo, as liturgias da Missa muito pouco ou nada revelam uma função conscientizadora e terapêutica. A Missa corre o risco de voltar a ser vista como obrigação a ser cumprida e, como tal, a tornar-se uma prática obsessiva. Todavia, como prática obsessiva, ela própria, no decorrer do tempo, se tornou predominantemente defesa contra desejos violentos. Neste sentido não há como discordar de S.Freud, quando descreve as práticas religiosas como neuroses obsessivas¹¹.

Com a reforma litúrgica do Segundo Concílio do Vaticano, a característica obsessiva da Missa desapareceu em boa parte. A Missa se tornou mais a conscientização da salvação e libertação, mas ainda não conseguiu mostrar a sua função terapêutica. Nos últimos anos aumentou, novamente, o número de normas e leis a respeito da Missa, reduzindo ainda mais a sua possibilidade conscientizadora. Enquanto isso, a violência humana aumenta junto com a divinização do saber subjetivo de cada um. Nas comunidades eclesiais aumentam as divisões e a indiferença em relação à união comunitária. O subjetivismo religioso tenta transformar a Missa num culto que segue a interesses e opiniões individuais. Além disso, uma grande parte dos católicos volta a ver a Missa como uma prática religiosa ao lado de outras, não vendo nela nenhuma função terapêutica especial. Tudo isso pode levar-nos a suspeita de que a cruz de Cristo, também, nos tempos de hoje, mais uma vez esteja correndo o risco de ser negada pela sabedoria humana e pela exigência de milagres.

¹¹ ver S.Freud, Atos obsessivos e praticas religiosas, Ed.St.bras., Vol.IX, 117-131

BIBLIOGRAFIA

- Blank, Josef, Paulus. Von Jesus zum Christentum, Kösel Verlag München, 1982
- Bortolini, José, Como ler a Primeira Carta aos Coríntios? Segurar os conflitos em comunidade, Ed.Paulinas São Paulo, 1992
- Comblin, José, Paulo. Trabalho e missão, FTD São Paulo, 1991
- De la Serna, Eduardo, Uma chave de interpretação de 1 Coríntios: A idolatria. A militância da fé e seus adversários, RIBLA 20, 1995
- Hoefelmann, Verner, Corinto: contradições e conflitos de uma comunidade urbana, Estudos Bíblicos 25, 1990,
- Jung, Paulo K., Vida e ensino de Paulo, Concórdia Ed.Pôrto Alegre, 1991
- López, Rolando, A cruz nas cartas 1 e 2 aos Coríntios. Cartas a partir da prática das comunidades. Uma leitura de 1 e 2 Coríntios, RIBLA 20, 1995
- Pesch, Paulus ringt um die Lebensform der Kirche. Vier Briefe an die Gemeinde Gottes in korinth. Paulus – neu gesehen, Herderbücherei Band 1291, Freiburg i.B., 1986
- Richard, Pablo, A prática de Paulo: suas opções fundamentais, RIBLA 20, 1995
- Theissen, Gerd, Psychologische Aspekte paulinischer Theologie, Vandenhoeck&Ruprecht Göttingen, 1983